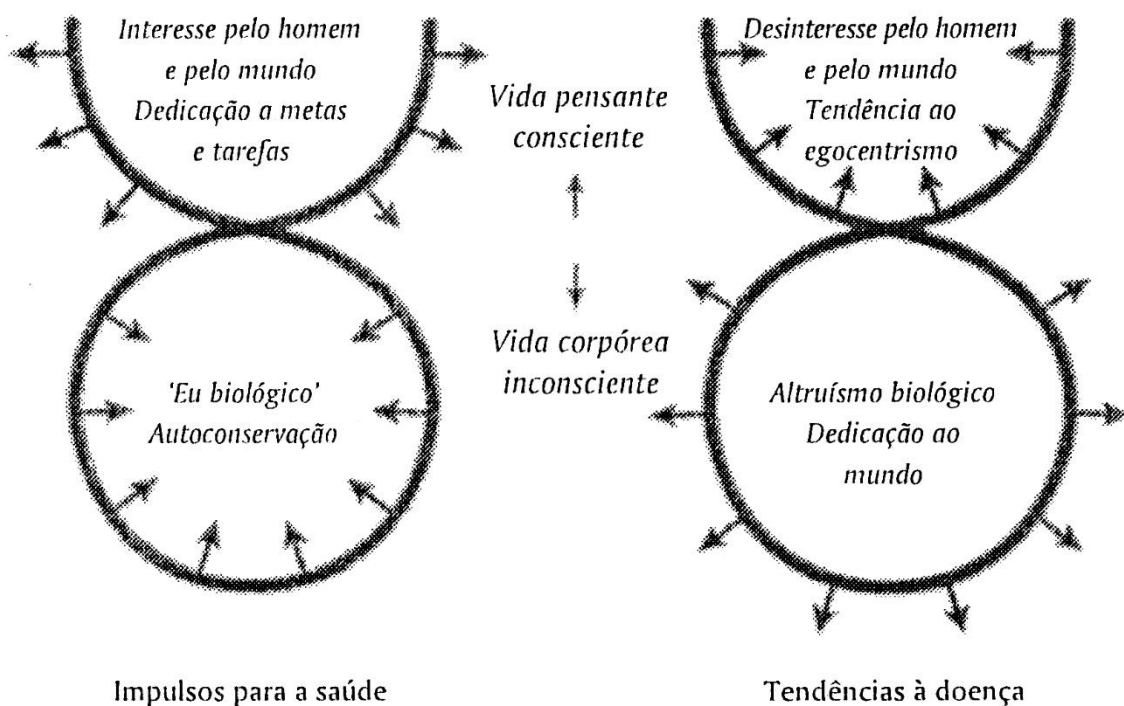


EPIDEMIAS À LUZ DA CIÊNCIA ESPIRITUAL

Steiner relacionava o aparecimento de epidemias ao carma e destino da humanidade. Em seu “As Manifestações do Carma”, ele diz “devemos reconhecer como legítima a seguinte afirmação: quando uma epidemia irrompe em algum lugar, com ela é trazido algo que o homem decididamente procura para compensar alguma coisa em si próprio. E podemos admitir que ele é introduzido em determinadas situações a fim de sofrer uma lesão para, superando-a, aproximar-se da perfeição”.

Quem acompanha a afirmação precedente se vê diante da questão sobre se existe uma relação entre a experiência de enfermidade e dor, de um lado, e o desenvolvimento espiritual ou até mesmo o progresso espiritual da humanidade de outro. Parece que educar e curar se complementam reciprocamente. De fato, o que alcançamos num plano, o físico, também tem importância para o desenvolvimento espiritual, e vice-versa. Sob esse enfoque, a doença aparece como sendo a projeção física da experiência espiritual, ou, como Steiner formulou certa vez, como a *imaginação física (imagem) da vida espiritual*. Que significa isso? E como isso afeta nossa compreensão do aparecimento de uma moléstia? Será que a doença ilustra alguma coisa? Seria ela como uma linguagem cifrada no corpo, tal como uma parábola, uma metáfora? De onde vêm as forças necessárias para o aparecimento da doença? A chave que permite a compreensão dessa questão complexa encontra-se na particularidade da organização vital (etérica) e na atuação desta em conjunto com os outros membros da constituição humana.



(Cons. Pediátrico, Dra Michaela Gloeckler – pg 160)

O corpo sadio aparece como imagem da divindade que tudo une e conduz a uma harmonia. O corpo doente torna visíveis as tarefas e as exigências do desenvolvimento espiritual propostas ao homem individual e à humanidade. Assim a enfermidade aparece como experiência de iniciação (autodesenvolvimento) inconsciente e, dessa maneira, mostra sua importância no decurso das vidas terrenas sucessivas – pois tudo o que o homem sofre e vivencia não se perde, mas passa a integrar seu desenvolvimento futuro. O que sofremos numa vida terrena com a falta de liberdade experimentada por causa de uma doença, manifesta-se numa vida subsequente como um dom inato para uma habilidade anímico-espiritual que, uma vez desenvolvida, aumenta a vivência de liberdade e a autoconsciência.

Na oitava conferência de seu livro “Manifestações do Carma” Steiner menciona um exemplo de doença contraída devido a experiências em vidas anteriores ao descrever a predisposição para a varíola como possível consequência de uma contínua falta de amor. Como podemos compreender isso? O processo de desintegração corpórea causado pela varíola representa um “querer sair de si”. O que não pôde ser desenvolvido na vida passada agora é recuperado no plano corpóreo. A antiga falta de amor, o egoísmo, é contrabalançado e vencido, curado pelo sofrimento causado por essa doença. Se a pessoa morrer no confronto com essa enfermidade, o Eu só poderá dispor dessa capacidade adquirida na vida seguinte.

Esta compreensão implica ainda em outras coisas. Pois pode acontecer de um indivíduo que traz esta predisposição, através de medidas sanitárias e higiênicas, tenha suprimida a oportunidade de adoecer dela. Segundo Steiner, “podemos fazer algo que seja um antídoto contra esse efeito que em sua natureza externa se mostra como desamor; com isso, porém não será suprimido todo o desamor da alma, mas apenas removido o órgão ligado ao desamor. Se nada mais fizermos, teremos feito apenas metade do trabalho. Talvez tenhamos dado uma ajuda exterior, física; mas não o teremos ajudado animicamente. O órgão do desamor é extirpado, corporalmente, pela vacinação antivariólica. Tirando-se de sua corporalidade externa o órgão ligado ao desamor ele

não poderá praticá-lo; terá de conservá-lo em sua organização interior para uma encarnação seguinte”.

Impediríamos nesse caso, a corporalidade externa de exprimir o desamor (de passar pela doença), mas ainda não teríamos eliminado a tendência interior nesse sentido. E ao fazê-lo assumimos o compromisso de atuar de forma a também livrá-lo da tendência a esse desamor. Se por um lado eliminamos a possibilidade de compensar certa postura anímica estreita, em contrapartida deveríamos ter também a obrigação de configurar diferentemente o caráter materialista dessa pessoa por meio de uma educação espiritual adequada.

“Se de um lado praticamos a higiene, de outro devemos sentir a obrigação de também dar algo à alma da pessoa cujo organismo transformamos. A vacinação não prejudicará pessoa alguma que receba depois, mais adiante na vida, uma educação espiritual. Fazemos baixar excessivamente um prato da balança tendo apenas um lado em mira e não dando valor ao outro. É isso o que, no fundo, se sente nos círculos onde se afirma: quando medidas de higiene vão longe demais, geram-se apenas naturezas fracas. O essencial é que não se deve assumir uma tarefa sem a outra.

Com isso chegamos a uma importante lei da evolução da humanidade: sempre um lado exterior e um lado interior têm de se manter em equilíbrio, sendo que não se deve simplesmente considerar um deles – o outro não pode ser esquecido.”

Isto nos remete de volta ao panorama geral de nossa época à qual Steiner se refere da seguinte maneira em “Os Fundamentos Espirituais do Mundo Exterior”: “Os tempos atuais exigem muito, infinitamente mais do que outros tempos exigiram; os tempos atuais exigem dos seres humanos justamente o que eles menos querem ter: compreensão científico-espiritual. Não haverá ordem a partir do caos atual antes que um número suficientemente grande de pessoas se digne a reconhecer as verdades da Ciência do Espírito, antes que uma concepção espiritualizada da vida penetre nos corações humanos. Este será o carma da história mundial.” E mais adiante, no mesmo ciclo (GA 177), “Há uma relação misteriosa entre o que é a consciência humana e as forças destrutivas do universo, justamente as forças de declínio do universo. Ela existe de modo que, de um lado, uma pode servir de substituta à outra”. Desse modo, quanto mais assumirmos nossas tarefas conscientemente, menos necessidade haverá de forças destrutivas.

A estas considerações gostaria de juntar ainda uma declaração feita por Rudolf Steiner aos médicos em 1920. Naquela ocasião ele os advertiu de que o médico deve ter em vista o bem de toda a humanidade se ele quiser ajudar uma pessoa singular. Por quê? Porque cada ser humano é parte de um todo, ao qual ele influencia de uma forma ou de outra – tendo ou não consciência disto – pelo modo como lida consigo mesmo e com as outras pessoas, tanto internamente, quanto voltado para o exterior. Ele participa ativamente do desenvolvimento do mundo e do ser humano. Quanto mais eu conseguir agir, até nas mínimas questões, baseado em uma perspectiva abrangente, tanto mais contribuo para o bem-estar e a prosperidade do todo. Quanto mais eu me isolo, e quanto mais desconexa for minha atuação e meu trabalho, tanto mais corro o risco de me tornar um fator de doença no processo evolutivo.

A saúde passa pela integridade, e pela integração. “A doença sempre é consequência de isolamento ou desintegração de processos, funções ou substâncias isoladas no organismo” (Michaela Gloeckler).

Portanto, nossa tarefa também é acompanhar as grandes metas da humanidade com o nosso agir cotidiano, com nossas pequenas ações, sem perder de vista as primeiras. Em outras palavras, em nossa época não basta pensar um fato como este criado pela pandemia da gripe suína de forma isolada, mas inserido no contexto das necessidades anímicas desta era; é preciso significá-lo no contexto da própria evolução da humanidade. Assim sendo, qual a oportunidade de desenvolvimento que esta crise/ doença encerra?

A Relação entre as pandemias e fatos históricos que as precederam

Louise Hay em seu livro “Cure seu Corpo” relaciona padrões de pensamento e comportamento a determinadas enfermidades e propõe novos modelos de pensamento que possam gerar estados de ânimo, e disposições de alma mais saudáveis. Em seus estudos ela indica como causa provável ou associada à gripe o seguinte padrão comportamental: “respostas à negatividade e crença geral. Medo. Crer em estatísticas.”

Em outras palavras, reação à negatividade, o deixar-se influenciar por opiniões alheias, temor. O que ela sugere, em contraposição, como mudança de comportamento é a substituição pelo pensamento: “Não sou governado pelas crenças de grupos ou preconceitos e imposições sociais. Estou livre de influências e pressões”.

Esta é uma leitura interessante, sobretudo quando observamos que historicamente os casos de epidemias ou pandemias foram sempre

precedidos ou ocorreram próximos a situações que geraram apreensão e negatividade em escala mundial e a população sofreu grande influência da opinião pública, despertando o medo e o temor em relação ao futuro.

Observemos uma relação de cada surto epidêmico ou pandêmico de gripe:

- 1) 1.918 Gripe Espanhola: após a Primeira Guerra Mundial
- 2) 1.933 Surto ligeiro: após a queda da bolsa de valores de 1.929
- 3) 1.946 Surto ligeiro: após a Segunda Guerra Mundial
- 4) 1.957 Gripe Asiática: após Pacto de Varsóvia (ameaça de uma 3ª Guerra Mundial)
- 5) 1.968 Gripe de Hong Kong: após o início da Guerra do Vietnã (ameaça de uma 3ª Guerra Mundial)
- 6) 2.004 Gripe Aviária: após ataque à NY e Guerra do Iraque (ameaça de uma 3ª Guerra Mundial)
- 7) 2.009 Gripe Suína: após a Crise Financeira Mundial atual

Segundo a astrologia chinesa, o signo do porco está associado à prosperidade. Também em várias culturas a imagem do porco está associada a cofrinhos, à fartura e à riqueza.

Assim, de acordo com este estudo, a principal atitude para evitarmos qualquer gripe **seria a de confiarmos no processo da vida** não nos deixando *influenciar* pela situação geral; não termos medo do futuro.

No caso específico da gripe suína, deveríamos superar o temor em relação às questões econômicas e financeiras. A dúvida quanto ao suprimento de nossas necessidades ou quanto ao cumprimento de nossos compromissos, o medo do que o futuro nos reserva.

Devemos confiar na Providência Divina, e também ter a convicção de que “tudo o que vier nos será dado por uma direção mundial plena de sabedoria” (R. Steiner).

No evangelho de Mateus, no capítulo 6, há uma passagem imensamente inspiradora e que nos pode auxiliar em momentos como este. Trata-se de um discurso do Cristo sobre as preocupações exageradas (Mt, 6: 25-34). Ele diz:

“Não vos preocupeis por vossa vida, pelo que comereis, nem por vosso corpo, como vos vestireis. A vida não é mais que o alimento, e o corpo não é mais do que as vestes? Olhai as aves do céu: Não semeiam nem ceifam, nem recolhem nos celeiros e vosso Pai celeste as alimenta. Não valeis vós muito mais que elas? Qual de vós, por mais que se esforce, pode acrescentar um só côvado à duração de sua vida? E porque vos inquietais com as vestes? Considerai os lírios do campo; não trabalham nem fiam. Entretanto nem o próprio Salomão no auge de sua glória não se vestiu como um deles. Se Deus veste assim a erva dos campos, que hoje cresce e amanhã será lançada ao fogo, quanto mais a vós, homens de pouca fé? Não vos aflijais, nem digais: que comeremos? Que beberemos? Com que nos vestiremos? Ora, vosso Pai Celeste sabe que necessitais de tudo isso. Buscai em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça e todas as coisas vos serão dadas em acréscimo. Não vos preocupeis, pois, com o dia de amanhã. O dia de amanhã terá suas preocupações próprias. A cada dia basta o seu cuidado”.

A Questão do Medo e Sua Missão: Educar-nos para a Fé

Este é sem dúvida, o momento propício para recordarmos os versos proféticos de Steiner para esta era de Michael:

“Temos de erradicar da alma, todo medo e terror daquilo que o futuro possa trazer ao homem. Temos de adquirir serenidade em todos os sentimentos e sensações a respeito do futuro. Temos de olhar para frente com absoluta equanimidade para com tudo que possa vir. E temos de pensar somente que tudo o que vier nos será dado por uma direção mundial plena de sabedoria. Isto é parte do que temos de aprender nesta era; a saber viver, sem qualquer segurança na existência material, mas viver com plena confiança na ajuda sempre presente do mundo espiritual. Em verdade, nada terá valor se a

coragem nos faltar. Disciplinemos nossa vontade e busquemos o despertar interior todas as manhãs e todas as noites.”

Há três pontos fundamentais nestes versos que gostaria de destacar:

Primeiro: tudo o que vier nos será dado por uma direção mundial plena de sabedoria. Em tudo o que acontece há um propósito sábio. Há um princípio ordenador da vida e do mundo. Segundo: precisamos aprender a viver sem qualquer segurança na existência material, mas podendo contar sempre com a ajuda do mundo espiritual. E terceiro: disciplinemos nossa vontade e busquemos o despertar interior todos os dias.

Ou seja, ainda que não compreendamos ou não possamos elaborar tudo quanto acontece em nossos dias, se desenvolvermos uma relação de fidelidade e confiança com o mundo espiritual teremos a tranquilidade para aceitar aquilo que vem e a força para fazer disso algo de bom.

Há um velho ditado sufi que diz “confia, e amarra teu cavalo”. Quer dizer, confia, mas faz a tua parte. Não se trata de uma confiança cega nem irresponsável. E nossa parte tem a ver com este despertar interior que precisamos buscar e renovar todos os dias a partir de nossa livre vontade. O Salmo 90, chamado de salmo da confiança, também diz em seus lindos versos: “Tua fidelidade é teu escudo protetor”. Se examinarmos a origem da palavra fé, veremos que vem do latim *Fidelis*.

Steiner nos diz que o corpo Astral, ou nosso corpo de sentimentos, desejos, emoções é o corpo da Fé. A força que dele emana quando bem estruturado é Fé. Ora, estamos mergulhados hoje numa astralidade, numa atmosfera de medo. E ele também acrescenta, “a missão do medo é nos educar para a fé”. Ao realizarmos o esforço requerido por nossa época, de despertar para uma concepção espiritualizada da vida, purificamos nosso corpo de sentimentos e nos fortificamos na fé.

Para a formação desta atmosfera de medo e pânico em que estamos inseridos, mergulhados, colabora principalmente a mídia, formando uma “opinião pública”, mas também atitudes individuais que se vão somando numa corrente e espalhando temor através de notícias desencontradas, discursos muitas vezes infundados, distorcidos e frequentemente repassados adiante, seja por via oral ou pela internet.

Princípios da Salutogênese

Há uma nova linha de pesquisa, a Salutogênese que se ocupa com as fontes da saúde física, anímica e espiritual. A palavra vem de *salus*, *salutis* que quer dizer saúde e de *gênese* significando origem, proveniência. E com isso ela inaugura um novo paradigma, uma nova e exemplar linha de pesquisa.

Há trezentos anos o paradigma válido na medicina é o da patogênese – que significa origem do sofrimento, ou da doença (pathein=sofrer e gênese=origem). A patogênese, portanto indaga pela origem da doença. Nesse contexto desenvolveu-se também o conceito de profilaxia ou prevenção. No sentido da patogênese a prevenção de uma moléstia consiste em excluir, evitar fatores patogênicos. Em primeiro plano estão as questões sobre o aparecimento de uma doença e de como ela pode ser evitada.

Em contraposição a Salutogênese indaga pelas fontes das forças salutares. De onde vem a saúde? Como ela pode ser fortalecida?

A diferença essencial é que a concepção patogênética parte, por exemplo, no caso de uma doença infecciosa, do modelo de contágio. Nesse raciocínio, em vigência de uma virose como a que estamos observando, a pergunta seria: Qual é o agente microbiano? Como se deu a contaminação? Que medicamento pode eliminar este germe?

Enquanto do ponto de vista salutogenético a pergunta a ser feita é:

Porque algumas pessoas adoecem enquanto outras igualmente expostas às mesmas condições permanecem sadias? O que as protege? Logo, a pergunta da visão salutogenética tem por objetivo chamar a atenção para as fontes de saúde e cura individual e social.

Os primeiros pesquisadores a enveredar por este caminho de pesquisa foram o russo Aaron Antonovsky e depois os fundadores da psicologia humanista como Abraham Maslow, Carl Rogers, Erich Fromm. Eles descobriram que as pessoas mais saudáveis entre as que tomaram parte em sua pesquisa, haviam passado por duras experiências -- como os horrores do holocausto, e todas elas haviam tido vivências íntimas nas quais irrompiam em outra esfera; **experiências de caráter espiritual** ou místico.

Outro fator responsável por esta resiliência -- termo que surgiu para expressar esta habilidade de assimilar golpes da vida e superá-los podendo seguir adiante, é o fator do **relacionamento humano**. Quanto mais uma pessoa se sente vinculada a outras por um amor autêntico ou

num relacionamento sólido, tanto mais é capaz de suportar os embates e obstáculos da vida. E o que caracteriza um bom relacionamento?

- 1) Honestidade, sinceridade, franqueza;
- 2) Afetividade, amor;
- 3) Respeito à autonomia e dignidade do outro – mesmo que este outro se encontre na primeira infância ou numa situação de grande necessidade. Se uma criança experimenta um relacionamento dessa natureza, mesmo que só com uma única pessoa, ela consegue desenvolver-se anímicamente de maneira salutar, mesmo em circunstâncias de vida muito desfavoráveis.

No nível físico, o organismo sadio se caracteriza pelo fato de transformar constantemente processos heterostáticos em homeostáticos, possuindo por esta razão, um alto grau de capacidade de executar processos e de adaptação. Ou seja, o organismo cresce continuamente na **habilidade de se confrontar com o que lhe é estranho, fortalecendo-se nesse confronto**. Ele aprende a suportar o estresse e não apenas evitá-lo. O que importa aqui é reconhecer os limites da resistência física (e anímica) e ampliá-los cada vez mais.

Esse princípio salutogenético corresponde perfeitamente à orientação que sempre foi adotada pela medicina antroposófica. Nela todo medicamento visa tão somente mobilizar suas forças de resistência apoiando o organismo em seu esforço de cura e não erradicar o processo em curso como fazem os medicamentos de orientação alopática – coisa que já vem demonstrada por seus nomes: anti-térmico, anti-biótico, ansiolítico, etc.

No âmbito anímico, a salutogênese procura criar um sentimento de coerência, um sentimento de que tudo o que existe ou acontece encontra-se inserido num contexto geral ao qual subjaz uma ordem. Em outras palavras, que há um sentido na vida. Antonovsky diz que através da educação a criança deveria aprender a formar uma concepção satisfatória do mundo. Para isso seria necessário que ela tivesse a oportunidade de vivenciar através dos adultos que a rodeiam que:

- 1) O mundo pode ser compreendido;
- 2) Que ele é valioso, tem significado e sentido;
- 3) E que pode ser manejado.

Isto não nos soa familiar? Não se parece com “O mundo é bom, belo e verdadeiro”? Três premissas da educação Waldorf nos três primeiros setênios.

O decisivo, portanto, é que as crianças tenham a possibilidade de conviver ou ter em sua proximidade alguém que procure sempre elaborar um sentimento de coerência e que, **apesar de passar por dificuldades ou sofrimentos, possa desenvolver a esperança, manter a fé na vida e irradiar uma alegria de viver.**

No campo espiritual, trata-se justamente do mais difícil a ser aprendido pelo ser humano: criar uma força de resistência por meio da confiança no andamento e sentido da evolução da humanidade.

Quantas pessoas hoje não caem em depressão ou padecem de angústias existenciais tremendas por terem dúvida da existência de um sentido para a vida, ou negarem a existência de Deus ou da natureza espiritual do ser humano? Muitas não têm a força para suportar a violência, a corrupção, as guerras e catástrofes que permanentemente são noticiadas nos jornais. Muitas terminam adoecendo ou caindo nas drogas, no álcool, abusando de medicamentos que lhes anestesiem a consciência da dor, ou então cometendo atos de desespero.

Deve-se, portanto, construir uma visão de mundo que ajude a compreender o sentido e o propósito do Mal, como grande questão de nossa época, de maneira sensata. Isto nos traz de volta ao começo. Ao apelo que nos faz Steiner para o despertar da consciência e de uma concepção espiritualizada da vida, sem a qual não haverá solução para o caos em que nos encontramos.

Cabe a nós, portanto, explorar e praticar novas fontes de saúde. Ou talvez devêssemos dizer, lembrar e verdadeiramente praticar tudo o que esta pedagogia já nos oferece como ideal, pois a boa educação já é em si salutogenética.

Para terminar, gostaria de citar algumas palavras de Steiner :

“Cumprir frisar que de nenhuma dessas condições se exige um integral cumprimento, mas simplesmente o aspirar a tal cumprimento. Ninguém é capaz de cumprir integralmente as condições, porém, pôr-se a caminho de seu cumprimento, isso cada um pode fazer. O que importa é a vontade, a decisão de pôr-se nesse caminho”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Consultório Pediátrico – Michaela Gloeckler e Wolfgang Goebels – 4ª edição atualizada e ampliada no capítulo: “Sobre o Sentido da Doença”
2. Manifestações do Carma – Rudolf Steiner- 2ª edição, especialmente da 3ª à 7ª conferência.
3. Os Fundamentos Antroposóficos para a Pesquisa do Carma – Gudrun Burkhard -especialmente no capítulo XXII
4. On Epidemics- spiritual perspectives from the work of Rudolf Steiner - compiled and edited by Taja Gut – Rudolf Steiner Press
5. Febre Amarela – encarte da revista Veja, produzido por Studio Abril Branded Content

Ana Paula Cury